

# O MATO GROSSO DE GOIÁS E O DESEJO POR UMA METRÓPOLE

Anderson Dutra e Silva<sup>1</sup>

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA<sup>1</sup>

## RESUMO

Nos anos 1930, a construção de Goiânia representou um marco na história de Goiás, vinculada ao urbanismo progressista e ao desejo de modernização do estado. Antes da escolha do sítio definitivo, a região do Mato Grosso de Goiás (MGG) foi cogitada por suas matas, fertilidade do solo e recursos hídricos, características valorizadas como suporte de uma futura “metrópole”. O engenheiro Carlos Haas, no “Memorial Haas” (1931), destacou o potencial da área próxima aos rios Uru e das Almas, recomendando critérios técnicos para a nova capital. Embora a escolha final tenha recaído sobre Campinas, as ideias de Haas influenciaram tanto o projeto de Atílio Corrêa Lima quanto a posterior criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), origem da cidade de Ceres. A pesquisa dialoga com o modelo teórico de William Cronon em *Nature’s Metropolis*, que distingue entre “primeira natureza” (recursos naturais) e “segunda natureza” (paisagem transformada). Nesse sentido, os discursos sobre a fertilidade, os rios e a chegada da ferrovia funcionaram como instrumentos de atração populacional, legitimando o avanço da ocupação. Migrantes de estados vizinhos reforçaram esse processo, transformando o Cerrado em terras agrícolas e consolidando o papel de Goiânia e Anápolis como polos regionais. Embora o urbanismo progressista valorizasse áreas verdes e infraestrutura sanitária, seu ideal foi gradualmente reduzido ao parcelamento do solo, priorizando interesses econômicos. O caso revela a dualidade entre a natureza como promessa de modernidade e seu uso intensivo como recurso. Assim, o estudo evidencia como a exploração ambiental e a expansão urbana caminharam juntas na formação de Goiás.

**Palavras-chave:** Goiânia; Urbanismo Progressista; História Ambiental; Mato Grosso de Goiás.

## INTRODUÇÃO

Nos anos 1930, a história do estado de Goiás é marcada pela construção de sua nova capital, a cidade de Goiânia, a partir de uma visão moderna do urbanismo progressista (Choay, 2015; Diniz, 2007, 2017). Porém, antes de se decidir sobre o sítio que iria abrigar o novo centro urbano, a região do Mato Grosso de Goiás (MGG) foi destacada, entre outros locais, como propícia para a sua construção, devido à fertilidade do solo, à presença de potenciais hídricos para produção de eletricidade e abastecimento e pelo desejo de domínio sobre matas através da ocupação humana, marcando a interiorização no oeste brasileiro (Dutra e Silva; Martins; Dutra e Silva, 2024; Mendonça, 2009).

Desta forma, esta pesquisa procura mostrar o papel dos elementos naturais, entre eles a presença de matas, a riqueza dos solos e os cursos hídricos, na

construção de um discurso que embasou e encorajou a ocupação da região em proximidades do MGG, a partir do parcelamento de terras, seja para uso agrário ou urbano.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Para realizar a pesquisa, utilizou-se como fundamentação teórico-metodológica o trabalho de William Cronon denominado “Nature’s Metropolis” (Cronon, 1991) que faz uma análise do papel de Chicago como cidade símbolo da ocupação do meio-oeste norte-americano e o avanço populacional em direção à costa oeste dos Estados Unidos. Nessa obra, foram utilizados termos como: “primeira natureza”, que são os recursos naturais dos locais que se desejava explorar; “segunda natureza”, que eram modificações na paisagem para ajustar às necessidades dos exploradores (como canais fluviais, estradas, etc.) e; “*boosters*”, que eram os divulgadores ou pessoas ligadas ao mercado imobiliário que apoiavam nos bens naturais o discurso garantidor de sucesso ao comprador ou pioneiro.

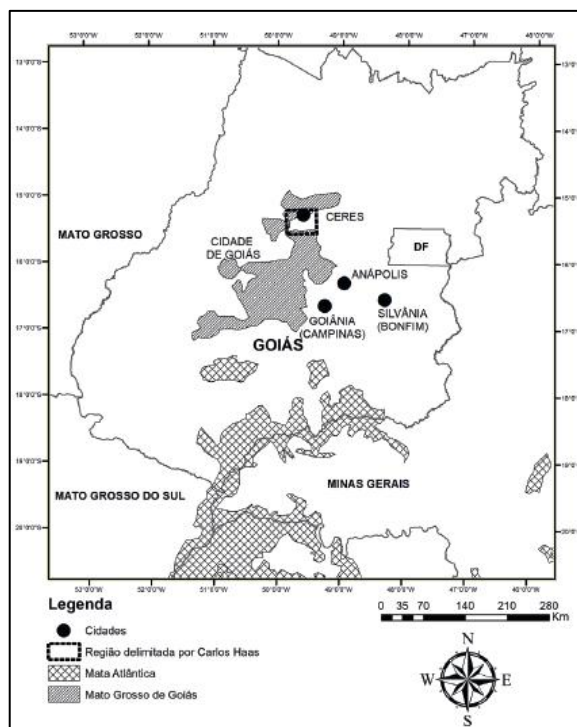
Para análise do papel da natureza no processo de povoamento de parte do MGG, foram analisadas publicações em jornais e periódicos a partir de 1930, buscando entender como tais elementos eram retratados ao longo dos períodos, ao passo que transformações iam acontecendo. Também, foram utilizados mapas e imagens georreferenciadas nas análises territoriais e espaciais. Outra publicação utilizada foi o livro “O ‘Mato Grosso de Goiás’ de Speridião Faissol (Faissol, 1952), geógrafo do IBGE que acompanhou o alemão Leo Waibel em viagens a Goiás entre os anos 1946 e 1948.

## **RESULTADOS**

Em 1931, é publicado o “Memorial Haas” no jornal Voz do Povo, sediado na cidade de Goiás, então capital do estado. A publicação foi endereçada ao interventor, Pedro Ludovico Teixeira, nomeado por Getúlio Vargas, e faz uma série de considerações a respeito do local que deveria ser escolhido para a construção da nova capital. O engenheiro indicou o local desejado, dizendo que já havia percorrido uma região dentro do município da cidade de Goiás, nas proximidades do local onde o rio Uru desagua no rio das Almas, ressaltando a fertilidade de suas terras (ver figura 1). Em 1932, o governador nomeou uma subcomissão para escolha do local, porém, conduziu para que a região da cidade de Campinas (que depois se transformou em

bairro de Goiânia) fosse escolhida, mesmo que o primeiro relatório apontasse a cidade do Bonfim, atual Silvânia (Mendonça, 2009, 2018).

**Figura 1.** Mapa de Goiás com a localização indicada por Carlos Haas nas proximidades do Mato Grosso de Goiás



Fonte: (Dutra e Silva; Dutra e Silva, 2019)

Pode-se fazer um paralelo como o que Tony Garnier, arquiteto e urbanista francês, descreveu sobre as necessidades da cidade industrial, que também pode ser chamada de cidade progressista (Choay, 2015). Este movimento influenciou o *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP), escola onde o arquiteto brasileiro Attilio Corrêa Lima se formou como urbanista em 1930 (Diniz, 2017).

Anos mais tarde, a escolha de Haas serviu de abrigo à sede da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), que se emanciparia como a cidade de Ceres (Dutra e Silva, 2017; Faissol, 1952). Em 1933, inicia-se a construção da cidade de Goiânia pelo projeto do arquiteto Attilio Corrêa Lima, o qual buscou se apropriar dos elementos naturais com certa maestria, pois alterou a região indicada pela subcomissão coisa de aproximadamente três quilômetros por conta de uma declividade mais suave e delimitou as áreas verdes a serem consideradas como elementos de purificação do ar e de beleza permanente (Corrêa Lima, 1937).

O Memorial Haas deu, de certa forma, diretrizes que foram adotadas para a contratação do projeto de Corrêa Lima, em especial a definição de uma população aproximada de cinquenta mil pessoas (IBGE, 1942). Este número, no imaginário coletivo do goianiense, pode sugerir que a expansão populacional que explodiu nos anos seguintes fosse obra de ação espontânea ou de falta de planejamento. Bruand (1997) afirma que a ordenação inicial foi substituída por oportunismos, fazendo surgir diversos bairros com traçados sem a menor uniformidade ou qualquer rigor de conexão mais ampla.

Sobre o MGG, é difícil imaginar como seria se a capital se erguesse em tal lugar. Mas o que se pode afirmar que a exuberância das matas pudesse sofrer exploração igual ou maior que na atualidade. A ideia de que os bens naturais seriam recursos a serem utilizados em benefício de que se apropriasse deles estava presente no discurso do engenheiro Haas, apresentando uma dualidade entre boas oportunidades e desperdício ao se manter suas características “selvagens”, onde a fauna local dominasse as terras com potencial para agricultura (Dutra e Silva; Martins; Dutra e Silva, 2024).

## **CONCLUSÃO**

É evidente, ao olhar para o passado, que a natureza do Cerrado goiano foi utilizada para atrair populações de outros estados, tendo como instrumento de mudança a construção de uma nova capital. O termo “metrópole”, que estava presente em discursos dos anos 1930, sugere uma modernidade desejada, na medida em que buscava-se assemelhar aos grandes centros urbanos do Brasil, mas tendo o modelo europeu como padrão. No entanto, o urbanismo progressista que deu origem a Goiânia teve sua essência reduzida, dando-se importância apenas ao seu traçado, ignorando-se sua visão mais ampla de planejamento. O parcelamento com objetivo apenas de retorno financeiro acabou menosprezando, a certa medida, elementos ambientais tão importantes.

É importante o olhar ao passado para entender tal processo, o qual nos trouxe ao presente que conhecemos, a fim de planejar o futuro que desejamos. Tanto cidade como campo acabam por sofrer transformações que estão sujeitas ao dinamismo da sociedade. Desta forma, o conhecimento deve nos trazer a reflexões sobre como

podemos nos portar diante de mudanças que podem impactar populações, influenciando as estratégias de planejamento que devemos tomar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 3ªed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CHOAY, F. **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. 7ª ed.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CORRÊA LIMA, A. Goiânia: a nova capital de Goiás. **Arquitetura e Urbanismo**, Rio de Janeiro, p. 32–34, 1937.

CRONON, W. **Nature's Metropolis: Chicago and the Great West**. New York: W. W. Norton & Co., 1991.

DINIZ, A. **Goiânia de Attilio Corrêa Lima ( 1932-1935 ): Ideal estético e realidade política**. 2007. 250p f. Dissertação de Mestrado - UNB, [s. l.], 2007.

DINIZ, A. Goiânia: modernismo periférico. **Revista Estética e Semiótica**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 101–114, 2017.

DUTRA E SILVA, S. **No Oeste a Terra e Céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

DUTRA E SILVA, A.; DUTRA E SILVA, S. A natureza e a modernidade urbana de Goiânia nos discursos da cidade símbolo do Oeste brasileiro (1932-1942). **Historia Crítica**, [s. l.], n. 74, p. 65–93, 2019.

DUTRA E SILVA, A.; MARTINS, P. T. de A.; DUTRA E SILVA, S. A capital e o interior: influências da criação de Goiânia na urbanização do Mato Grosso de Goiás. **Esbocos**, [s. l.], v. 31, n. 56, p. 101–116, 2024.

FAISSOL, S. **O “Mato Grosso de Goiás”**. Rio de Janeiro: IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1952.

IBGE, I. B. de G. e E. **Goiânia: coletânea especialmente editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1942.

MENDONÇA, J. G. C. **A Invenção de Goiânia: o outro lado da mudança**. 2ªed. Goiânia: UFG, 2018.

MENDONÇA, J. G. C. A queda de bonfim e a escolha prévia de campinas. **Mosaico**, [s. l.], p. 175–189, 2009.